

• CRIAÇÃO

PASSAGEM DE ÔNIBUS

Silvia Mara Tellini*

■ **V**iajando para a terra natal, para encontrar a família reunida que comemora o retorno temporário da tia ao país, após quase uma década de ausência corporal.

Os movimentos de ausência e presença fluidamente me percorrem hoje, agora, me acionam um desejo de deixar a cabeça relaxadamente flutuante sobre o mar, em movimento continuamente cadenciado. Sentir o ritmo da maré sobrepondo-se ao das ondas... me lembro dos deslocamentos da ideia de centralidade do indivíduo no processo da vida, que em muito se assemelha ao movimento que imagino deixar invadir essa cabeça flutuante; o deixar-me sentir nesse rebaixar e soerguer me presenteia um espaço de consciência, muitas vezes possível de ser compartilhado com outros indivíduos, se esses outros também puderem reconhecer um espaço que guardam, uma ideia do mundo enquanto espaço e tempo de dentro que se reflete no fora de si. Essas duas realidades se movimentam e pertencem umas às outras, e quanto mais se deslocam, mais se encontram, tornando possível a vivência de um mundo mais profundo e pleno no processo da vida, que eu particularmente só consigo imaginar e ensaiar, ainda que em passos de criança incerta. Minha eureka pessoal, porém, só é possível na relação com o outro.

E ainda assim, por que esses deslocamentos são tão difíceis? Ou será que pode haver um genuíno desejo de não deslocar-se e, portanto, de não mover enquanto se move? Machado dizia em suas obras que não é raro observar essas “almas vivendo pela metade”, ceifadas de uma visão integral, mancas de sentidos. Essa ideia machadiana de visão e sentidos que nos faltam me faz pensar em quais seriam os possíveis motivos a que obedeceríamos complacentes, e resignadamente, impedindo-nos, a nós mesmos, de entrar em contato com uma vida de possibilidades, cheia de reflexões, plena de significações e ficcionalizações simbólicas; de seguir trilhando buscas, às vezes frustradas e dolorosas, tão

* Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, SP, Brasil. E-mail: smtellini@hotmail.com

amargas quanto uma dose de Fernet, outras vezes, ainda tão inúteis quanto as tentativas de catequização do índio brasileiro, ou outras mais confortantes e mornas como um chá de erva-doce antes de ir pra cama no frio.

Medo? Schopenhauer acreditava que a vontade humana não é somente inacessível, como também uma ilusão. As buscas pelos outros aspectos que nos levam ao reconhecimento do ser ontológico vão fazer-nos mais sentido se pensarmos que já estamos tão impregnados de tantas camadas de significação, que estamos barrados do acesso à essência, pois esta se configura em algo que foge aos sentidos, ela própria é o não sentido, o incontido no mundo da contenção.

Lembro-me de um quadro de Matisse em que o rosa-claro e suave, contra-posto ao azul, sutil e onírico, invasor desde a parte inferior até a metade da tela, serve de fundo a humanoides despidos de seus sexos, dançando de mãos dadas, tão leves como se flutuassem. Seria possível, com a tecnologia atual, decompor as cores até os mínimos pigmentos atuantes? E se fosse, seriam os mínimos elementos isolados relevantes para o nível das significações, simbolizações e ficcionalizações? O que me pergunto é se a decifração da quantidade e identificação da mistura exata de cada pigmento, se essa análise seria passível de revelar algum traço da identidade ontológica dessa pintura magnífica. Nesse momento, parece-me impossível pensar em algo desse tipo, já que as identidades do ser dependem da construção identitária do pintor, que por sua vez está inserido no mundo, habitado por outros. A verdade é, pois, ilusão, na medida em que acreditamos poder conhecê-la e reconhecê-la isoladamente, como se fosse um ente à parte do mundo. Seus significados, sua identidade ontológica surgem quando passamos a reconhecer o objeto na condição de integrante do mundo. O saber se conhecer deve ser buscado tal qual aquela borboleta que, após se desencapsular, voa livre e aberta, em busca de ressignificar o espaço delicado e o tempo precíval de sua existência.

Temos representado o ser inacessível desde as criações mitológicas antigas; o mito da caixa de Pandora criado na fundação do Ocidente parece retornar eternamente; ainda hoje pelos noticiários ecoam as tragédias nefastas quando um avião cai e homens empenham-se em buscas pela caixa-preta, a ser resgatada do fundo mar, ou do alto da montanha; às vezes são encontradas, mas só se abre a caixa-preta de determinada viagem, envolvendo determinados passageiros, acessando-se a caixa de Pandora quando a viagem já terminou, e não enquanto ela coincide com o momento da sua enunciação. Penso que esse mesmo acesso proporcionado pela tecnologia, ainda assim, seja superficial.

Enquanto permanecemos embarcados nessa viagem, o que parece ser a razão da viagem, é o desenrolar dela mesma, o ater-se aos desdobramentos dela e o enxergar o que vai passando do lado de fora da janela, tanto quanto o que vai passando do lado de dentro.

Geralmente a velocidade dos movimentos de fora, a intensidade da luz, as cores, os objetos não coincidem com o que se vê do lado de dentro; aqui dentro observo uma senhora que dorme no banco do outro lado do ônibus, cabeça pendente, pescoço torto, desacomodada e tranquila na poltrona. Lá fora, caminhões cobertos brilham de lonas azuis e vermelhas, ou com tanques metálicos, sob o céu metal-azul de João Cabral de Melo Neto. É esse descompasso que permite a construção do real possível. Ontologicamente nascemos na travessia e morremos na travessia, violentamente desejantes e frustradamente impedidos de realizar-nos completamente, pois a realização de cada desejo é também a autofagia

de um pedaço do ser; na realização completa de um ato, advém-nos ambigualmente a condição da morte. A indulgência, prazerosa e oposta ao elo da finitude, pode ser enxergada estavelmente nas cores, formas, texturas e movimentos na pintura de Matisse, pois se pertencem umas às outras, e nos chamam a pertencer a elas, na medida em que generosamente passam a nos pertencer.

A senhora do outro lado do ônibus ainda está estática, mas sei que logo se levantará e acordará em outra cidade, mesmo e ainda assim, está agora estática. Olho do lado de fora da janela, e um fluxo intenso e contrário me parece quase selvagemmente rápido, ininterrupto e ocupado... me invade a náusea sartriana por um segundo, mas a náusea física é mais forte e me esforço em dar continuidade ao preenchimento de linhas; percorro caminhos não acabados, pouco realizados, meio terminados, não acertados; ainda assim, e talvez justamente por isso, todos tão vitais, tão ricos, tão intensamente vivos, diferentes e semelhantes. Para que investir tanto valor na finalidade, na linha de chegada, que chega muitas vezes tão autoritária e precocemente, tão estabelecadora de verdades absolutas, exigindo-nos uma postura rígida em branco e preto?

Quanto mais me aproximo do destino em minha terra natal, tanto mais me sinto viajante de primeira viagem. Deve ser a noção elástica de espaço e temporalidade sentida como entes físicos e reais.

Recebido em agosto de 2016.
Aprovado em fevereiro de 2018.